GEOGRAFIA E LITERATURA: Percepção do Espaço Vivido

Profa. Solange T. de Lima Ferreira*

Em toda a extensão dos espaços e lugares da Terra encontramos uma multiplicidade infinita de paisagens geográficas, de maior ou menor significâcia para cada individuo ou sociedade. Estas mesmas paisagens releam em seus horizontes, os elementos estruturais de sua compsição que se enquadram nos aspectos relacionados à Natureza primária ou construída.

Assim, em cada um dos seus ángulos, as paisagens expressam mensagens eloquentes embora silenciosas, sobre sua história e sua herança a través das marcas de determinados processos de transformação, tais como a criação, a destruição e a reconstrução dos seus espaços e/ou lugares.

Sob este prisma, a paisagem geográfica se encontra em contínua interação com as pessoas, abarcando uma trama complexa e extremamente dinámica, em termos da estruturação, configuração, identificação, hierarquização e valorização de seus elementos constituintes ou da unidade do seu conjunto. Segundo Relph[1], as paisagens são ambientes palpáveis "que não somente possuem conteúdo e substância mas também são os cenários significantes das experiencias diarias e das excepcionais".

Por tanto, ao considerarmos o conceito de paisagem geográfica, nos encontramos diante de um universo de significados imbricados. Este universo envolve vários ángulos da realidade objetiva e subjetiva de cada indivíduo ou sociedade, tanto no sentido da experiência como no sentido da percepção, relativas ao meio ambiente.

Isto acontece porque é em relação ao Homem que a paisagem tem asegurada a visibilidade de sua existencia, pois é a partir do olhar de uma pessoa que se configuram os diferentes horizontes, ou seja, suas visadas. É a partir ainda, das dimensões da experiencia e da percepção que uma pessoa atribui os valores e símbolos que envolvem os níveis concreto e abstrato, cognitivo e afectivo, relacionados ao senso do viviso às paisagens geográficas.

Experimentar, sentir e perceber uma paisagem geográfica não se restringe então, a um conhecimento ou a uma exploração apenas dos seus elementos visíveis ou não-visíveis, como por exemplo, dos seus processos morfogenéticos. Mais do que tudo, implica a idéia de penetra-la, vivenciá-la, em termos de sua totalidade e profundidade, de estarmos imersos na mesma, em ação e reação física e psicológica.

Sendo desta forma, a paisagem geográfica se relaciona também à nossa identidade no significado de envolver nossa história de vida, auxiliando a través

---

*Docente do Departamento de Geografía, IGCE/UNESP, Campus de Rio Claro, São Paulo, Brasil.

[1] Edward Relph, "As Bases Fenomenológicas da Geografía", Geografía, no. 7, Vol. 4, 1979, pp. 1-25.

dos signos e símbolos atribuidos a ela, conforme Pankow[2], no reencontro das imagens e lembranças relativas às nossas vivências em seus vários lugares.

As interações que são estabelecidas a través de adaptações mútuas, lentas, progressivas entre o Homem e a paisagem geográfica, levam à descoberta ou à redescoberta dos seus espaços e lugares. Deste modo, conduzem à atribuição de significados topofílicos ou topofóbicos, sagrados ou profanos, particulares a um indivíduo ou a uma sociedade, influenciados pelos contextos das dimensões sócio-cultural e temporal.

Embora as paisagens geográficas possam ser experienciadas e percebidas sob diferentes prismas, cada uma delas continua a sugerir os processos de uma interação dinámica mais global, isto é, de ser parte de uma realidade maior, em sua unidade paisagística natural e/ou construída.

Essas interções permitem à paisagem geográfica se transformar plenamente em cenários do mundo vivido, revestindo-se de significados que revelam as características e os aspectos qualitativos dos laços afectivos existentes entre os seres humanos e o meio ambiente. Neste sentido, podemos considerar que a paisagem é apreendida pelas experiências e percepções quotidianas e excepcionais com o espaço, num amálgama de imagens mentais, atitudes e sentimentos que nos levam a interiorizá-las, enquanto mundo vivido.

Estes processos de interiorização das paisagens geográficas conduzem a um reencontro com o próprio signficado de ser-no-mundo, pois nos dirigem à reflexão da importância dos níveis intersubjetivos abarcados pela experiência e pela percepção, empírica ou geográfica, dos vários horizontes destas paisagens. Buttimer[3], ao considerar a experiência vivida do ponto de vista fenomenológico, ressalta que para Schrag, "o espaço é um contínuo dinâmico, no qual o experimentador vive, desloca-se e busca um significado. É um horizonte vivido ao longo do qual as coisas e as pessoas são percebidas e valorizadas".

Sob esta ótica, a paisagem geográfica encontra-se empregnada de referências simbolizantes relacionadas a cada momento vivido, numa combinação de aspectos espácio-temporais e psicológicos necessários para a compreensão das conjunturas apresentadas em cada situação.

A compreensão destas inter-relações requer o conhecimento e a interpretação das mensagens paisagísticas, pois estas se constituem em expressões altamente significativas dos valores culturais e sociais, visíveis ou não no conjunto de cada paisagem, sendo entretanto, profundamente percebidos e sentidos mediante a experiência. Por conseguinte, estas percepções ao se encontrarem relacionadas às paisagens externas e internas dos mundos de cada ser, levam mediante a idéia

---

[2] Gisela Pankow, O Homem e Seu Espaço Vivido. Campinas: Papirus, 1988

[3] Anne Buttimer, "Apeendendo o Dinamismo do Mundo Vivido", Antonio Christofoletti (Org.), Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 174.

de intersubjetividade conforme Buttimer[4], à construção de "um diálogo entre a pessoa e o meio ambiente, em termos de herança sócio-cultural, e o papel assumido no mundo vivido de cada dia".

Ao considerarmos as relações e interações dos indivíduos ou sociedades com as paisagens geográficas, encontramos diferentes respostas e reflexões implicadas com as várias formas de adaptação nesses relacionamentos com o meio ambiente. Além disso, também encontramos as diferentes maneiras de percebê-lo, em função dos variados filtros e referenciais perceptivos de cada pessoa, além de ssua própria experiência imediata ou conceitual, contribuido para a formação dos seus intrincados e complexos mundos interiores.

O estudo das paisagens geográficas concernentes às suas imagens concretas e percebidas, torna-se uma questão de múltiplas faces que se inter-relacionam. Contudo, é justamente a percepção do espaço que deve ser um dos primeiros pontos a ser considerado e refletido, pois muito problemas existenciais dos seres humanos ligados à adaptação nos inúmeros lugares, dependem da compreensão da natureza das suas experiências e percepções da paisagem como espaço vivido.

Para Tuan[5] a combinação das visões objetiva e subjetiva se traduz como o carácter essencial das paisagens, tendo em vista que a pessoa está na paisagem, desenvolve seus ritmos, seus movimentos e suas pausas nesta paisagem; mas, sobretudo, percebe a mesma sob prismas singulares a cada novo olhar, a cada novo emperienciar de suas ambiências.

Ainda para este autor, a paisagem ao ser traduzida em imagens particulares, individuais ou coletivas, torna-se uma construção da mente e dos sentimentos, revelando imagens potencialmente infinitas e resultantes da combinação de elementos de ordem funcional, moral e estética.

Assim sendo, a paisagem geográfica ao se encontrar numa amplitude que abarca a objetividade e a subjetividade, expressa no significado do seus marcos, o jogo entre os valores e símbolos permanentes e temporários, mas significativos em dado momento da história de vida de uma pessoa ou sociedade.

Relph[6] ao considerar estes aspectos nos lembra que para Dardel, "a paisagem é um conjunto, uma convergência, um momento-vivido", onde uma ligação de caráter interno une todos os seus elementos. Esta ligaçao unificadora é a presença do Homem assim como o seu envolvimento com a paisagem, experienciada e percebida como fluente, impregnada de significados.

---

[4] idem, p. 168.
[5] Yi-Fu Tuan, "Thought and Landscape: The Eye and the Mind's Eye". D.W. Meinig (ed.), The Interpretation of Ordinary Landscapes. New York/Oxford: Oxford University Press, 1979, pp. 89-102.
[6] Edward Relph, "As Bases Fenomenológicas da Geografia", (op. Cit.), p. 14.

Ao reconhecermos em concordância com este autor, que em certo sentido e em algum grau as experiências ambientais são uma experiência de paisagem, nos deparamos no dia-a-dia, com várias percepções, mensagens e sentimentos relativos às paisagens geográficas que fazem parte do nosso espaço imediato, conhecido de modo íntimo em suas faces de harmonia ou conflitos.

Entretanto, outros caminhos ainda nos levam ao conhecimento e à compreensão das maneiras do Homem se relacionar com as paisagens do seu espaço mundo vivido. Entre estes outros caminhos, a Literatura apresenta-se como uma forma de aquisição de um conhecimento conceitual, indireto mas que, sem dúvida, nos traz mensagens expressivas e sensíveis, concernentes às experiências e percepções relacionadas à geograficidade das paisagens vividas.

Através das expressões dos vários gêneros literários, temos o privilégio de acesso a um universo de travessias interiores e exteriores, compreendido pela percepção da realidade dinâmica, vivificante de cada paisagem geográfica.

A PAISAGEM GEOGRÁFICA NA LITERATURA

A paisagem geográfica tem sido interpretada por diferentes autores através dos vários períodos da Literatura, desde a antiguidade até a época contemporânea, sob enfoques que revelam as sutis diferenciações nas formas de experienciar a perceber o espaço.

Algumas das perspectivas descortinadas pelos estudos geográficos sobre as infinitas visões da paisagem no contexto das obras literárias, nos levam ao encontro do valor e do simbolismo dos espaços e lugares vividos intensamente, na integralidade de seus aspectos condizentes à realidade externa e interna de cada individuo, ou cultura.

Através das inumeráveis narrativas que envolvem nuanças da relação Homem-Natureza, encontramos uma extensa gama de expressões relativas ao sentido da humanização da realidade da paisagem geográfica, desde a concretude de sua matéria física à abstração necessária à criação ou evocação de suas imagens.

Nas duas última décadas. sob o impulso do desenvolvimento da corrente humanística na Geografia e, sob uma abordagem fundamentada muitas vezes na fenomenologia, os geógrafos passaram também a buscar o significado da intersubjetividade da experiência individual quotidiana com as paisagens geográficas. Nesta busca, visaram resgatar o sentido holístico das relações entre os seres humanos e a Natureza, primária ou construída, apreendendo o simbolismo das paisagens geográficas para as sociedades e indivíduos e, consequentemente, descortinando novos horizontes para seus estudos.

Ao descortinarem esses horizontes, encontraram na Literatura um campo de análises de muito valor, pois segundo Frémont[7], enquanto documento de investigação de certa realidade, ela se constitui numa área de grande atualidade. Isto se debe sofato de que um escritor ao imaginar indivíduos ou sociedades situadas em diferentes espaços, consegue traduzir os seus valores, numa visão reveladora da vida das paisagens geográficas, na integralidade ou parcialidade de seus aspectos.

Deste modo, tanto os esctitores quanto os geógrafos têm mais de um ponto de tangência em relação à natureza das percepções, ou sobre a qualidade das experiências ambientais, embora sigam rumos diferenciados em termos de trabalho, ou seja, a Arte e a Ciência respectivamente.

No desenvolvimento de suas obras os escritores criam, constróem imagens a partir de suas próprias observações e conhecimentos diretos ou indiretos, sobre as paisagens vivenciadas, que envolvem os diferentes espaços e lugares de cada personagem.

Ao construírem os espaços vividos dos seus romances, muitos escritores criam imagens literárias com o lastro da realidade dinâmica e concreta inerente às paisagens geográficas. Mediante a construção destas imagens literárias, nos oferecem paisagens que expressam a apreensão do sentido de mundo vivido pelos personagens, nas mais variadas situações romanescas.

Por consequência, as paisagens geográficas narradas passam a transcender a sua função de simples ambientação estética ou de conferir maior grau de realidade às tramas romanescas. Nesta perspectiva, a relação escritor/leitor e estas paisagens assume uma forte magnitude, pois o meio ambiente narado vincula-se direta ou indiretamente, aos destinos humanos, fictícios ou reais, desvendando identidades e traços psicológicos, justificando atitudes e condutas dos personagens.

Assim, as paisagens geográficas onde ocorrem as ações, as experiências dos personagens, reais ou fictícios, se elevam em interiorização e particularização, porque são imagens construídas, fundamentalmente, com a força e o poder da afetividade. Longe de ser apenas um espaço sem maiores comprometimentos, estas paisagens se constituem, sobretudo em obras consideradas universais, uma fonte de conhecimento sobre as dimensões ilimitadas da subjetividade inerente ao mundo vivido.

A cada página de muitos gêneros literários nos encontramos diante de novas experiências relacionadas às paisagens geográficas, que nos trazem a revelção de um universo de novas percepções. Portanto, o estudo das relações entre a Geografia e a Literatura amplia-se quando analisamos as paisagens geográficas através dos filtros perceptivos, do estilo, da e habilidade de comunicação das

---

[7] Armand Frémont, A Região, Espaço Vivido. Coimbra: Almedina, 1980, pp. 97-100.

experiências ambientais dos escritores mediante seus personagens, que refletem ou evocam em muitos casos, imagens e percepções de suas próprias vivênvias.

Por intermédio da Literatura, nos encontramos ainda diante de aspectos temporais que, ao implicarem uma bagagem existencial também afetam a percepção das paisagens geográficas ao longo da vida. Assim sendo, muitos trabalhos literários retratam paisagens de conflitos internos e externos relacionados a causas e efeitos diversos, que espelham as circunstâncias da época escolhida para a ambientação espácio-temporal de um romance.

Por conseguinte, ao analisarmos geograficamente os valores, os sentidos do espaço, ou também os novos elementos originais que se integram na criação das imagens literárias das paisagens, descortinamos novos horizontes, tanto para a pesquisa como para o ensino da Geografia, sob diferentes abordagens.

Sob este ângulo, a Literatura torna-se subsídio valioso e criativo para o entendimento e a visualização não só da dinâmica das paisagens geográficas, mas a inda das inter-relações do Homem com a Natureza,em seus aspectos primários ou construidos, lógicos e afectivos. Além do seu aspecto recreativo, a Literatura oferece muitas vezes, um conjunto de informações importantes para o conhecimento geográfico, pois muitos escritores, ao construírem seus mundos fictícios mostraram os reflexos do envolvimentos dos seres humanos com seus espaços, lugares e paisagens com extraordinária sensibilidade, transpondo as fronteiras de imaginação.

Ao descortinarem reminiscências espácio-temporais, estes escritores revelaram diferentes consmologias, ideologias, percepções das estruturas sociais, culturais, econômicas das paisagens no contexto de suas obras. Deste modo, lograram despertar em seus leitores, emoções e sensações, ao evocarem imagens que combinam ressonâncias líricas à percepção da realidade geográfica dos espaços vividos, em contínuas transformações, adaptações exteriores e interiores, profundamente significativas para cada indivíduo ou sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Mediante as várias colocações e contribuições de diferentes autores relativas à Geografia e à Literatura, podemos observar que as relações decorrentes destes pontos de tangência de interesses são extremamente diversificadas. Conhecer e compreender uma paisagem geográfica através de uma obra literária é vislumbrar uma geografia muito mais complexa e significativa, pois na verdade, diz respeito às diferentes geografias vivenciadas externa e, principalmente interna, do Homem no seu espaço vivido.

A Literatura, mais do que outras formas de expressão artística nos situa diante de um conhecimento conceitual que nos remete, por sua vez, à complexidade de percepções e concepções profundas, engendradas nos diferentes níveis da

própria experiência do escritor, do personagem e do leitor, referentes à realidade da paisagem geográfica.

Sob esta visão, de certo modo, a Literatura se apresenta para o geógrafo como um laboratório, onde alguns escritores recriam ou formulam um sem número de experiências em relação à pluralidade dos contextos ambientais. Ao capturarem nas tramas romanescas, as sensíveis nuanças das interações Homem-Paisagem, na multiplicidade dos seus aspectos exteriores e interiores, reais ou fictícios, os escritores propiciam revelações surpreendentes pela sutileza e originalidade do conteúdo de suas mensagens.

No caso de vários gêneros literários, notamos interpretações e reflexões concernentes ao valor e ao significado das paisagens geográficas onde se destacam, um universo de percepçõ e relações singulares e marcantes. Isto ocorre pelo fato da paisagem geográfica na Literatura ser apresentada não somente em função de sua forma aparente, mas de modo a permitir a existência de um outro mundo subjacente à sua exterioridade e, incorporando através dos sentimentos, pensamentos e atitudes dos personagens, toda a riqueza da dimensão de cada mundo interior.

Por meio de suas experiências diretas e indiretas, os escritores e poetas, constróem imagens literárias das várias paisagens geográficas estreitamente relacionadas ao sentido do espaço vivido, impregnadas de referência simbólicas. Em muitas obras, observamos não só o sentido da identificação do Homem com as imagens de sua paisagem, mas a própria essência de ser em seus espaços, isto é, de ser-paisagem.

Ao considerarmos sob a luz das diferentes abordagens geográficas as paisagens na Literatura, nos deparamos com amplas possibilidades de estudos e análises, tendo em vista que as descrições dos espaço e lugares nas obras literárias revelam um mundo de vivências cristalizadas em suas páginas.

Assim sendo, o espaço nos fala por intermédio de seus símbolos de dimensões intersubjetivas, de pontos de vista singulares, de sentimentos e pensamentos relacionados à realidade cambiante de cada paisagem geográfica, enquanto mundo vivido, ou espaço habitado e reencontrado através dos mais profundos signficados, latentes ou não, conhecidos ou muitas vezes despercibidos, mas sempre ligados à busca metafísica do Ser.

BIBLIOGRAFIA

Buttimer, Anne. “Apreendendo o Dinamismo do Mundo Vivido”, Christofoletti, Antonio (org.), Perspectivas da Geografia. São Paulo: DIFEL, 1985, p. 165-123.
Cook, Ian. “Conciousness and the Novel: Fact or Fiction in the Works of D.H. Lawrence”. Pocock, Douglas C.D. (ed.), Humanistic Geography and Literature. London: Croom Helm, 1981, pp. 66-84.
Frémont, Armand. A Região, Espaço Vivido. Coimbra: Almedina, 1980.

Hudson, Brian J. “The Geographical Imagination of Arnold Bennett”, Transactions New Series, vol. 7, no 3, 1982, pp. 365-379.
Monbeig, Pierre. Ensaios de Geografia Humana Brasileira. São Paulo: Livraria Martins, 1940.
Pankow, Gisela. O Homem e Seu Espaço Vivido. Campinas: Papirus, 1988.
Pessoa, Fernando. O Eu Profundo e Os Outros Eus. Rio de Janeiro: Nova Aguilar, 1978.
Pocock, Douglas C.D. (ed.) Humanistic Geography and Literature. London: Croom Helm, 1981.
Pocock, Douglas C.D. “Geography and Literature”, Progress in Human Geography, vol. 12, no 1, 1988, pp. 87-102
Relph, Edward. “As Bases Fenomenológicas da Geografia”, Geografia, no 7, vol. 4, 1979, pp. 1-25.
Salter, Christopher L. “John Steinbeck’s “The Grapes of Wrath’ as a Primer for Cultural Geography”, Pocock, douglas C.D. (ed.). Humanistic Geography and Literature. London: Croom Helm, 1981, pp. 142-158.
Salter, Christopher L. And Lloyd, Wilham. “Landscape in Literature”, Resource Papers for College Geography, no. 76-3
Tuan, Yi-Fu. “Literature and Geography: implications for Geographical Research”, Ley, David and Samuels, M. (ed.), Humanistic Geography – Prospects and Problems. Chicago: Maaroufa Press, 1978, pp. 194-206.
Tuan, Yi-Fu. “Thought and Landscape: The Eye and the Mind’s Eye”. Meinig, D.W. (ed.), The Interpretation of Ordinary Landscapes. New York/Oxford: Oxford University Press, 1979, pp. 89-102
Tuan, Yi-Fu. Topofilia. São Paulo: DIFEL, 1980.
Tuan, Yi-Fu. Espaço e Lugar. São Paulo: DIFEL, 1983.
Williams, Raymond. O Campo e a Cidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1989.